

O ENSINO DE HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NAS SÉRIES DE 6º E 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA I

Delciele Perdigão Moraes¹

Sílvia Renata de Oliveira Bandeira²

Orientadora: Hiana Rodrigues da Silva Magalhães³

RESUMO: Essa pesquisa visa trabalhar a experiência do Estágio Supervisionado em História I, tendo como objetivo a análise do Ensino de História na escola municipal Professora Maria Nira Guimarães localizada no município de Itacoatiara-AM. Dessa forma, utilizamos a investigação qualitativa como método de pesquisa, através de conversas informais e observações durante a prática docente. Este artigo tem como fonte principal o relatório de estágio. A fim de compreender e identificar as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos professores em sala de aula, discutimos o Ensino de história como importante amálgama no processo de letramento e ensino aprendizagem nas turmas do 6º e 7º ano do ensino fundamental II, do turno matutino no ano 2023. As dificuldades em leitura, escrita e interpretação são significativas nessas séries, assim, propomos oficinas de letramento, o que levou ao aumento do engajamento e participação dos alunos, tornando as aulas de história mais dinâmicas e próximas a realidade em que os alunos estão inseridos.

Palavras-chave: História. Ensino de História. Estágio Supervisionado. Letramento.

1. Considerações Iniciais

O Ensino de História no Fundamental visa proporcionar a compreensão dos processos históricos, a construção da identidade e o desenvolvimento de uma consciência crítica. No entanto, para que esses objetivos sejam atingidos de forma eficaz, é necessário que os alunos desenvolvam habilidades de letramento desde as séries iniciais.

De acordo com Zamboni (1993, p. 7), o ensino de história no ensino fundamental passa por um papel de construção de identidade:

¹ Graduanda do curso de História do Centro de Ensino Superior de Itacoatiara da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: srdob.hst19@uea.edu.br

² Graduanda do curso de História do Centro de Ensino Superior de Itacoatiara da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: dpm.hst19@uea.edu.br

³ Professora Orientadora: Professora Assistente da Universidade do Estado do Amazonas, Mestra em História Social pela Universidade Federal do Amazonas -UFAM, e-mail: hmagalhaes@uea.edu.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

O objetivo fundamental da História, no ensino de primeiro grau (ensino fundamental), é situar o aluno no momento histórico em que vive. [...] O processo de construção da história da vida dos alunos, de suas relações sociais, situados em contextos mais amplos, contribui para situá-lo historicamente, em sua formação intelectual e social, a fim de que seu crescimento social e afetivo desenvolva-lhe o sentido de pertencer.

Nesse sentido, o letramento refere-se não apenas à capacidade de ler e escrever, mas também à compreensão e interpretação de textos de diferentes gêneros, incluindo aqueles que tratam de fatos e processos históricos.

Por isso, esta pesquisa se inicia a partir da proposta de análise da prática docente, durante o estágio supervisionado em história I, assim como a observação do ensino de história em uma escola pública do município de Itacoatiara-AM, das dificuldades encontradas no ensino e na aprendizagem das aulas de história e a difícil compreensão em leitura que os alunos apresentaram nas turmas do 6º e 7º ano da Escola Municipal Professora Maria Nira Guimarães. Nesse sentido, essa pesquisa visa compreender a dinâmica da sala de aula e as atividades realizadas a partir do processo de experiência durante o estágio, que nos possibilitou entender essas nuances a partir do ensino de história.

Partindo desse pressuposto entende-se a seguinte problemática: como entender o trabalho do educador de história e a sua atuação frente a dificuldade de leitura que os alunos apresentam? A partir disso, questionamos sobre a dificuldade de aprendizagem dos alunos na leitura e escrita na aula de história em turmas acompanhadas por nós, professoras em formação, em duas turmas, uma do 6º e outra do 7º ano, do ensino fundamental matutino, ambas denominadas pela escola como turmas de alfabetização, no ano de 2023 no mês de agosto.

Considerando os estudos de Cunha e França (2019, p.19), quanto a prática do estágio, e sua importância no processo de formação, estes nos explicam que:

Pensar o estágio nessa dimensão é concebê-lo como pesquisa, como campo de conhecimento a ser investigado. Assume-se assim, como um espaço fundamental para a formação prática daqueles que, estando no processo de formação inicial, interagem com a complexa realidade da sala de aula, refletindo sobre as ações desenvolvidas nesse espaço, e configuram sua maneira própria a agir profissionalmente.

A partir da perspectiva do autor, percebe-se que o estágio é fundamental no processo de interação entre docentes e discentes, de modo que, a observação em sala de aula e o olhar de ambos os agentes envolvidos neste processo, são fundamentais para uma formação mais coesa, dinâmica e integrativa.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

O déficit de alfabetização é uma das realidades encontradas na maioria das escolas do município, e diante disso utilizamos métodos que dialogam com autores que ponderam a importância da prática do estágio, do letramento e do ensino de história como instrumento que se amplia dentro e fora desse espaço social. De acordo com Soares (2009, p. 58):

Uma primeira condição é que haja escolarização real e efetiva da população. Só nos damos conta da necessidade de letramento quando o acesso a escolaridade se ampliou e tivemos mais pessoas sabendo ler e escrever, passando a aspirar um pouco mais do que simplesmente aprender a ler e a escrever.

Desta forma, a autora afirma a importância da prática do letramento e da alfabetização sendo um direito garantido e fundamental para o desenvolvimento individual e social, embora essa não seja uma realidade de todas as escolas, o que se espera é a promoção de melhor qualidade do ensino, propondo uma abordagem multifacetada, que procure não apenas a compreensão dos eventos do passado, mas que seja alinhado a realidade dos alunos e da escola.

No Âmbito do Ensino de História, os questionamentos, contextualizações e relações com a contemporaneidade, somadas a prática do letramento, permitem análises de diferentes textos e objetos que promovem diálogo com as mais diversas narrativas. Como afirma Bittencourt (2004, p.121) “Um dos objetivos centrais do ensino de História na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na construção de identidade”. No entanto o ensino de história em sala de aula contribui para o desenvolvimento de tais habilidades de leitura, escrita e interpretação a partir dos conteúdos ofertados pela disciplina, promovendo através do letramento, uma prática social que busca inserir alunos em processo de alfabetização e realidade social preocupantes, a um ensino básico de qualidade.

Esta pesquisa consiste em uma investigação de natureza qualitativa, a qual Moreira, (2002, p. 12) conceitua a observação participante que as professoras em ação tiveram como sendo "uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”, ou seja, essa técnica foi impulsionada por uma dupla de acadêmicas de história, que fizeram pesquisas de campo através do estágio em uma escola da rede pública do município de Itacoatiara.

Esse trabalho, proposto pela disciplina de TCC I, tem como fonte principal o relatório de estágio supervisionado em História I, desenvolvido durante a disciplina Estágio, em que ocorreu a observação do ambiente (sala de aula), realização da regência e a apresentação do plano de ação. Os participantes da pesquisa foram estudantes do ensino fundamental II, no qual

selecionamos duas turmas, sendo uma de 6º ano e outra do 7º ano, de uma escola pública municipal.

Desse modo, a reflexão sobre a ação, que caracteriza o trabalho do professor como pesquisador da sua prática nos motivou a encontrar no espaço da prática docente do professor de história elementos importantes para o aprendizado das professoras em formação, cujo objetivo intencionou compreender e identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores em sala de aula discutindo o ensino de história como importante amálgama no processo de letramento e ensino aprendizagem de estudantes do 6º e 7º ano do ensino fundamental II em uma escola da rede municipal de Itacoatiara. Assim, podemos fundamentar a pesquisa com as considerações de autores como: Soares (2009), Barros (2019), Bittencourt (2004), e outros.

2. O Letramento no Ensino de História

O conceito de letramento tem sido muito discutido no cenário nacional, de modo que Soares (2009), retrata que o “Letramento é palavra recém-chegada ao vocabulário da educação e das ciências linguísticas: é na segunda metade dos anos 80, há cerca de apenas 10 anos, portanto que ela surge no discurso dos especialistas dessas áreas” (SOARES, 2009, p. 15).

Diante desta ideia e conceito, Soares (2009), vem elucidar desde então que o “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: O estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (Soares, 2009, p. 18)

Soares (2009) destaca de uma forma bem analítica que “A medida que a historiografia expandia seus limites ao discurso do século XX: O historiador moderno, contribuindo para uma incessante renovação do seu próprio saber, adotaria no mundo contemporâneo novas perspectivas, passaria a dispor de novos métodos” (BARROS, 2019, p. 23).

Solé (1998) traz consigo um processo de aquisição espontânea, de modo que:

[...] as estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão dos textos. Estas não amadurecem, não se desenvolvem, nem emergem, nem aparecem. Ensinam-se – ou não se ensinam – e se aprendem – ou não se aprendem (SOLÉ, 1998, p. 70).

Bittencourt (2004) em seu livro “Ensino de História: Fundamentos e Métodos”, relata que “Um dos objetivos centrais de ensino de História, na atualidade relaciona-se a sua contribuição na construção de identidade” (Bittencourt, 2004, p. 121). Quando aplicado ao

ensino de História, o letramento permite ao aluno interagir com diferentes fontes históricas, compreendendo-as e problematizando-as de forma crítica. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de História, há diversos tipos de recursos que devem ser entendidos e interpretados neste ensino:

Músicas, gravuras, mapas, gráficos, pinturas, esculturas, filmes, fotografias, lembranças, utensílios, ferramentas, festas, cerimônias, rituais, intervenções na paisagem, edificações, bem como textos literários, poéticos e jornalísticos, anúncios, receitas médicas, diários, provérbios, registros paroquiais, processos criminais, processos inquisitoriais, dentre outros, foram transformados em documentos, fontes de pesquisa histórica e são potencialmente recursos pedagógicos fundamentais para o ensino (BRASIL, 1998, p. 84).

No entanto, como observa Rüsen (2001), o letramento histórico ainda é um desafio para muitos alunos, especialmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental II, onde muitas vezes o ensino de História se limita à memorização de fatos e datas. Bueno (2018) indaga esse aspecto de forma que:

Não há como ensinar história - essa situação é implicada numa educação problematizadora que parte da questão como motor para essa produção - sem aceitar a dimensão fundante da construção dos fatos históricos e, mais que a simples aceitação, o professor envolvido no “letramento histórico” de seus estudantes deve inserir essa dimensão em cada uma das atividades proposta durante suas aulas (Bueno, 2018, p. 16)

Portanto, a proposta do autor sobre a aplicação do letramento histórico se remete a estimular nos alunos a capacidade de questionar os relatos do passado, de entender a multiplicidade de vozes e perspectivas envolvidas em qualquer narrativa histórica e de reconhecer o papel da História na construção da sua identidade e na interpretação do presente.

Nesse sentido, cabe ao professor, no âmbito de observador e pesquisador, identificar o letramento necessário para aplicar em sala de aula, identificando, adaptando as aulas de história e relacionando com a realidade escolar, assim como a estrutura, o material didático e o nível de aprendizagem conforme as habilidades de cada educando.

2.1 Concepções sobre o Ensino de História

As diferentes concepções sobre o ensino de História, sejam tradicionais, críticas ou pós-modernas, impactam diretamente a forma como o conteúdo é abordado nas salas de aula,

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

a postura do professor, o papel do aluno e a função social da disciplina. Uma análise crítica dessas concepções nos permite questionar as implicações pedagógicas, sociais e ideológicas do ensino de História, especialmente no contexto educacional brasileiro.

O ensino de História quando discutido nas turmas de 6º e 7º ano deve ir além da memorização de datas e eventos, sendo que se torna essencial que os alunos aprendam a interpretar fontes históricas, a compreender múltiplas perspectivas e a conectar o passado com o presente. De acordo com Brasil (1998), o aluno;

Ao aprender a resolver problemas e a construir atitudes em relação às metas que quer atingir nas mais diversas situações de vida, faz aquisições dos domínios cognitivo e linguístico, que incluem formas de comunicação e de representação espaciais, temporais e gráficas (BRASIL, 1998, p. 73).

Entretanto, não existe uma definição exclusiva ao ensino de história; contudo, quando mencionamos a aprendizagem, a interpretação, a prática e a formação de cidadãos críticos, consideramos a definição de Soares (2009) ao retratar de modo eficaz que:

Precisaríamos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento. Assim, teríamos que alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais de leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (Soares, 1998, p. 47).

A concepção crítica valoriza a problematização dos conteúdos e a reflexão sobre os múltiplos pontos de vista que constroem a história. Em vez de apenas transmitir uma versão oficial e linear dos eventos, o professor atua como mediador, estimulando debates e incentivando os alunos a questionarem as narrativas estabelecidas. A ênfase está no desenvolvimento do pensamento crítico e na compreensão de que a história é construída a partir de diferentes fontes e perspectivas. Cunha (2019) destaca que:

Cremos no professor como um agente essencial no processo educativo. A sua competência e a sua dedicação no acompanhamento dos estudantes ratificam a importância de seu ofício no desenvolvimento humano e consequente nos avanços do conhecimento (Cunha, 2019, p. 8).

Nesse sentido, nos cabe, como mediadores do conhecimento que somos, refletir sobre o ensino de história enquanto processo da formação social e histórica, assim percebendo as mudanças envoltas na realidade em que o indivíduo está inserido.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Na prática, o ensino de história deve se materializar em sala de aula por meio de metodologias que incentivem a pesquisa, a discussão e o debate, promovendo uma aprendizagem significativa que transponha a simples ideia de memorização de datas e fatos.

Considerando o que nos diz Gil, (2012, p. 27):

A aula de história é um espaço para construir hipóteses, suposições e discutir como outras sociedades resolveram questões do seu tempo. A história deve também contribuir para a formação cidadã, sinalizando caminhos para entender que a sociedade é formada por grupos diversos que demandam respeito e compreensão histórica (GIL, 2012, p. 27, apud Ferreira, 2015, p. 223).

Analisar a objetividade da disciplina história é essencial para a compreensão e reflexão dos aspectos pedagógicos, desse modo, com relação ao ensino de história, Joana Darc enfatiza que:

A aprendizagem significativa implica sempre alguma ousadia: diante do problema posto, o aluno precisa elaborar hipóteses e experimentá-las. Fatores e processos afetivos, motivacionais e relacionais são importantes nesse momento. Os conhecimentos gerados na história pessoal e educativa têm um papel determinante na expectativa que o aluno tem da escola, do professor e de si mesmo, nas suas motivações e interesses, em seu autoconceito e em sua autoestima (DARC, 2015, p. 12).

No campo educacional, o ensino de História carrega essa mesma tensão entre objetividade e subjetividade. Durante muito tempo, especialmente em currículos mais tradicionais, o ensino da disciplina era marcado pela tentativa de transmitir uma versão “oficial” dos acontecimentos, apresentada como objetiva e neutra. Esse modelo, no entanto, ignora o fato de que a própria seleção dos conteúdos ensinados já implica uma escolha que reflete determinados valores e visões de mundo.

Os estudiosos da educação crítica, como Paulo Freire (2001), argumentam que a tentativa de ensinar história de forma "neutra" e "objetiva" pode ser uma forma de mascarar as estruturas de poder que estão presentes nas narrativas dominantes. Freire defendia que o ensino de qualquer disciplina, incluindo a História, deve ser reflexivo e crítico, permitindo que os alunos questionem as versões oficiais e entendam os processos de opressão e resistência presentes nas sociedades. Por isso Freire afirma que “Não podemos duvidar de que a nossa prática nos ensina. Não podemos duvidar de que conhecemos muitas coisas por causa da nossa prática” (Freire, 2001, p. 71).

A objetividade no ensino de História não significa neutralidade, mas sim a utilização criteriosa das fontes históricas, que devem ser analisadas criticamente. Como afirma Jörn Rüsen

(2001), "a objetividade na História não está na ausência de interpretação, mas na coerência e justificativa das interpretações diante das fontes". As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, fixada pela Resolução nº 7, de 14 de novembro de 2010, retrata no art. 16 que:

Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo (BRASIL, 2013, p. 134).

No ensino de História isso se refletiu em uma abertura para a pluralidade de narrativas, promovendo uma visão mais complexa e multifacetada do passado. Ao invés de buscar uma objetividade inatingível, o foco passou a ser o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos, para que eles possam interpretar diferentes versões da história e questionar as estruturas de poder que moldam essas narrativas.

Bittencourt (2004) e Schmidt (2009) apontam que "ensinar História hoje implica um compromisso com a multiplicidade de vozes, com a crítica às narrativas hegemônicas e com a formação de sujeitos capazes de interpretar e problematizar as interpretações do passado". A objetividade, nesse contexto, se transforma em uma prática ética, onde o historiador ou o professor de História assumem sua posição, mas sem perder o rigor na análise das fontes e na construção da narrativa.

Portando, ao compreender que a história é uma construção e não uma coleção de verdades inquestionáveis, os alunos podem se engajar de forma mais ativa com o conteúdo histórico, tornando-se capazes de reconhecer as múltiplas vozes e experiências que compõem o passado e, ao mesmo tempo, perceber as relações de poder que moldam o presente.

2.3 Trabalho de professoras em formação - Um Relato de Experiência

Esta experiência iniciou-se a partir do encontro e parceria com a colega de curso Delciele Moraes e eu, Sílvia Renata, em que nos propusemos realizar juntas este trabalho. A

ideia começa a priori com o projeto escrito, na intenção de trabalhar a experiência do estágio supervisionado I, com ênfase no Ensino de História.

A parceria foi acolhida pela professora do curso, uma vez que a colega Delciele possui deficiência visual e esse encontro entre acadêmicas surge desde o começo do curso, ainda no cenário da pandemia, quando me informei sobre o processo de tutoria, no qual acompanho a acadêmica desde então.

Pensar na ideia e proposta de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso foi possível a partir da experiência docente no estágio de formação, onde juntas realizamos todo o processo, no período da manhã, na Escola Municipal Maria Nira, no Município de Itacoatiara, numa área considerada periférica e que recebe alunos de diversos bairros, como São Francisco, Mamoud Amed e Mutirão. Desse modo, o estágio deu-se início em 9 de agosto de 2023 e foi concluído no dia 30 do mesmo mês, totalizando uma carga horária de 180 horas.

Primeiramente a observação, a realização de regências e dos planos de aula, assim também como a elaboração do plano de ação pedagógica para aplicação na sala de aula foi realizada com as turmas do 6º e 7º ano do ensino fundamental II.

Figura 1 – Período de observação nas turmas de 6º e 7º ano.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Durante o estágio, fizemos as observações e as dinâmicas em sala de aula, para que houvesse uma análise aprofundada das metodologias aplicadas pelos docentes e suas implicações no processo de letramento dos alunos.

Percebendo a necessidade de trabalhar os conteúdos da disciplina história, observamos a problemática na sala de aula nestas turmas, a dificuldade de leitura e compreensão nos textos da disciplina história, questionávamos; como pensar e trabalhar medidas de ação colaborativas para melhorar o desempenho do aluno?

O intuito para sanar este questionamento é que diminuam-se as dificuldades de aprendizagem logo nas séries iniciais, por meio da execução de uma didática pedagógica com um ensino específico conforme o perfil desses alunos, buscando o desenvolvimento e

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

aprendizagem de acordo com suas dificuldades e aproveitando suas habilidades, utilizando-se da base educacional dos professores titulares, mantendo a visão no desenvolvimento do intelecto, e dar ênfase a disciplina e os estudos de História como parte indispensável e fundamental para o sucesso educacional.

Neste sentido, as experiências práticas em sala de aula incluíram a utilização de atividades impressas durante as regências aplicadas pelas professoras em formação, dada as circunstâncias em que se discutiu coletivamente os conteúdos já repassados pela professora titular, favorecendo um ambiente de aprendizado colaborativo.

Essa realidade levou a refletir sobre a importância de integrar estratégias de letramento nas aulas de História, visando facilitar a compreensão e estimular o interesse dos alunos.

O diálogo presente/passado/presente deve permear todas as situações de aprendizagem. O estudo da história, que parte do tempo presente e da investigação de temas que pertencem à realidade vivida por professores e alunos, possibilita a recuperação do passado de maneira processual, promovendo uma ampliação gradual das noções de tempo e espaço (SIMON 2011, p. 53 apud FERREIRA, 2015, p. 227).

Com isso, percebeu-se durante o estágio alguns desafios que os alunos enfrentam no processo de ensino-aprendizagem como a dificuldade nas relações dentro de sala de aula, uma vez que a exclusão por parte desses alunos não é muito percebida pelos professores o que impossibilita uma boa execução das atividades em grupo.

Um dos fatores que levou ser um desafio é a inclusão de práticas metodológicas com crianças com necessidades especiais tenham auxiliares de vida, pois, percebeu-se que os mesmos trabalham pouco a inclusão desses alunos por não pesquisar novas didáticas, e por isso, acaba sendo rotineiro o uso de livros didáticos e não se trabalha a autonomia dos alunos, de modo que não há recursos suficientes para atender tanto a demanda dos alunos, quanto para os alunos com necessidades especiais. Para Saviani (2011, p. 3):

A história da educação brasileira vem sendo objeto de um razoável número de investigações que, via de regra, a tomam como uma totalidade viva, empiricamente dada, formulando, pela análise, algumas relações que iluminam determinados aspectos da realidade investigada, enunciados teoricamente mediante categorias simples, isto é, gerais e abstratas.

Desse modo, a pesquisa no âmbito educacional tem sido importante na garantia de uma educação de qualidade, promovendo análises das suas mais diversas esferas educacionais

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

e do campo de conhecimento, tem demonstrado lacunas principalmente nas leis que deveriam assegurar os direitos a educação básica.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), prevê educação básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de Idade, e no ano de 2022, entrou em vigor a lei de número 14.407/22, inciso XI “Art. 4º - alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos”.

Entretanto, a realidade da sala de aula encontrada pelas professoras em formação, tem sido diferente e desafiadora. Nos cabe enquanto pesquisadores direcionar novas perspectivas de ensino que possam dialogar com a realidade do ensino básico, promovendo o exercício da produção de conhecimento por meio do Ensino de História na rede municipal, com base na realidade do ensino e das aulas de história que se inserem na realidade da necessidade do letramento a partir das aulas de história.

Contudo, finalizada a etapa de observação da prática dos docentes, iniciou-se com o auxílio de cada educando e suas respectivas séries, o planejamento das regências a serem aplicadas pela professora em formação em questão. A regência foi baseada nos conteúdos abordados, a qual, buscou-se elaborar as aulas de acordo com a análise das preleções, promovendo mais dinâmica, interação e transmitindo conhecimento por meio de características que os professores titulares não aplicaram, sob a perspectiva da promoção da estima pelo conteúdo. Após as atividades na escola e o desenvolvimento da prática docente, foi elaborado um plano de ação pedagógico assentado em bases teóricas e práticas da disciplina discutida em sala de aula, seguindo as instruções dos professores titulares.

Nessa perspectiva, o projeto foi pensado para atender em especial as necessidades dos alunos do Ensino Fundamental II, das séries do 6º ano “E” e 7º ano “E”. Dessa forma, elaboramos uma oficina de Letramento, a qual, Silva (2011, p. 21) retrata que “O processo de letramento contempla a formação de cidadãos funcionalmente letrados, capazes de utilizar a língua escrita para sua necessidade individual do ponto de vista cognitivo e atendendo a demanda social da sociedade que prestigia a língua padrão”.

O projeto foi bem recebido pelos professores e gestão da instituição, fornecendo alguns materiais necessários para fixação dos trabalhos nas paredes das salas de aula. Inicialmente realizamos uma pesquisa bibliográfica, no qual o autor Goff (1924) trouxe o conceito da palavra historiografia, e Barros (2019) a importância das fontes históricas, sendo

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

assim nos aprofundamos explicando e utilizando como material didático uma cartolina para cada sala, tesouras, revistas, jornais e cola, todos adquiridos por recursos próprios das estagiárias, produzindo conhecimento e estima pela pesquisa e disciplina, alinhados a prática do letramento.

A pesquisa também visou despertar nos educadores o exercício de produção do conhecimento voltado ao protagonismo desses como professores pesquisadores, através de uma prática de oficina de letramento, esses mostraram-se satisfeitos com o plano de ação, ao ponto de querer executar nas outras turmas, os alunos passaram a ter estima pela disciplina e mostraram-se colaborativos durante as oficinas, ajudando uns aos outros e interpretando o conteúdo tanto na teoria quanto na prática, prontificando-se a ler e a escrever aquilo que ele produziu por meio do trabalho de colagem.

Com isso, ao relatar experiências observadas em relação ao letramento, as professoras em formação, utilizaram o relatório de estágio como importante documento de pesquisa, acarretando numa gama de conhecimento desenvolvido durante a prática em sala de aula. Então, esse pensamento de acordo com Barros (2019):

São fontes ou documentos históricos, tanto os textos escritos de todos os tipos, como também o são as fotografias, os objetos de cultura material ou quaisquer outros conteúdos e materiais que os historiadores utilizem como vestígios para apreender a história um dia vivida e para, concomitantemente, escreverem a História no outro sentido, o de produto de um campo de saber (Barros 2019, p. 20).

Assim como a análise dessa fonte documental é importante para estudos futuros, quando voltado a sala de aula e a realidade educacional, consideramos que na perspectiva do Ensino de História, Bueno et.al. (2018, p.8), destaca que “no processo de ensino aprendizagem, o professor deve sempre considerar o conhecimento que o aluno já possui, considerando o mesmo, para aprimorá-lo na aprendizagem do aluno”.

Figura 2 – Oficina de Letramento para as Turma “E” de 6º e 7º ano.



Fonte: Acervo da autora (2024).

3. Considerações Finais

O Ensino da História nas séries de 6º e 7º ano apresenta grandes desafios, mas também oportunidades de enriquecer o processo formativo dos estudantes, especialmente ao integrar práticas de letramento que contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade interpretativa.

A ideia desta temática foi promover não apenas o conhecimento histórico, mas também desenvolver habilidades de leitura e interpretação crítica nos alunos. Nesse contexto, o letramento a partir do Ensino de História, tornou possível compreender criticamente o conteúdo histórico, identificar fontes, debater narrativas e interpretar documentos, o que é essencial para formar cidadãos informados e engajados. Também foi possível entender o trabalho do educador de história, que acaba sendo limitado pela ausência de recursos, longas jornadas de trabalho e não se posiciona como pesquisador, não se coloca como protagonista, nem desenvolve o exercício da aprendizagem histórica nos educandos, essa realidade limita o desenvolvimento do aprendizado histórico nos alunos, destacando a necessidade urgente de discutir e aprimorar as práticas de letramento dentro da educação histórica.

Durante o estágio, vivenciamos a importância de dinamizar as práticas pedagógicas, criando uma relação mais humana dentro e fora do espaço escolar, percebendo a vivência de cada indivíduo, suas dificuldades no ensino aprendizagem, praticando o respeito as diversidades, uma vez que essa escola integra educandos de realidades distintas, entretanto, os desafios enfrentados quanto as metodologias foram notórios e pudemos nos colocar enquanto professoras de história, diante uma realidade em que alunos avançam as séries sem saber ler, escrever e interpretar, mas que podem desenvolver níveis de aprendizagem levando em consideração suas habilidades individuais, conforme avaliado pelas professoras em formação durante a oficina de letramento.

Em suma, este trabalho contribui para conectar a história a práticas pedagógicas e discutir a importância de desenvolver habilidades de letramento, colaborando também para o estudo da formação de professores e a dinâmica do ensino. Ponderamos a prática docente como imprescindível para nossa formação profissional, compreendendo a relevância da teoria como base do conhecimento que se articula com ações práticas desenvolvidas durante o estágio, seja na universidade ou na instituição escolhida para a prática do ensino.

4. Fontes

AMAZONAS. **Relatório de Estágio Supervisionado I do Curso de Licenciatura em História.** Sistema Presencial Mediado por Tecnologia. Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Itacoatiara/AM.

AMAZONAS. **Plano de Ação Pedagógica do Curso de Licenciatura em História.** Sistema Presencial Mediado por Tecnologia. Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Itacoatiara/AM.

5. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Joana Darc de. **A motivação no processo de Ensino e Aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental/Guarabira:** UEPB, 2015.

BARROS, José D'Assunção, 2019. **Fontes Históricas-Introdução aos seus usos historiográficos/Rio de Janeiro,2019.**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais: História / Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASÍLIA, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Diário Oficial da União, DF, 23 dez. 1996.

BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José (org.). **Aprendizagens Históricas: ensino de história.** União da Vitória/Rio de Janeiro: LAPHIS/Edições SM, 2018.

CUNHA, Célio da; FRANÇA, Carla Cristie da (Org.). **Formação docente: fundamentos e práticas do estágio supervisionado.** Brasília: cátedra UNESCO de juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2019.

FERREIRA, A.S.; BIANCHEZZI, C.; SILVEIRA, D.O.; SILVA, J. C. (orgs.). **Pensar, fazer e ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas.** Manaus: UEA Edições, 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.**ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. **Estágio de docência em História: saberes e práticas na educação para o patrimônio.** In: GIL, Carmem Zeli de Vargas; TRINDADE. Rhuan.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

RÜSEN, Jörn. **História Viva: Teoria da História III**. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.
SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. rev. 1 reimpr. -
Campinas, SP: Autores Associados, 2011. - (Coleção memória da educação)

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. 2ª Edição, São
Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Marco Antonio. **Letramento no ensino de história**. Cadernos de História, Belo
Horizonte, v. 12, n. 17, 2º sem. 2011. Disponível em:
<https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/3802>. Acesso em 27 de
outubro de 2024.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autentica
editora, 2009. 128 p.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZAMBONI, E. **O ensino de História e a construção da identidade**. In: História. São Paulo:
SEE/SP, 1993. Série Argumento.